

Pastoral familiar

Levantar-se em cada manhã com as famílias

ANTÓNIO SÉRGIO TORRES

Introdução

«Pastoral familiar», é um tema muito amplo e de contornos muitos variados. Do «núcleo família» derivam imensas vertentes da acção eclesial. Por isso, é necessário circunscrevê-lo. Procurarei traçar aqui, de forma transversal, os grandes eixos e perspectivas da pastoral familiar. A visão e o estímulo do Concílio, o recente magistério de João Paulo II e a própria urgência da realidade conduziram a uma renovada e mais ampla reflexão sobre os temas do matrimónio e da família, nas vertentes antropológica, sociológica, sacramental, moral. Ao lado deste estudo, caminhou a renovação da praxis pastoral em relação às famílias e àquilo que lhes diz respeito, «concentrado» no que se chama «pastoral familiar».

Neste trabalho, inspirar-me-ei claramente na perspectiva que um autor italiano – Franco Giulio Brambilla – no seu livro *A Paróquia hoje e amanhã*¹, publicado em 2003, apresenta sobre a Família.

Dois aspectos como ponto de partida. O primeiro, uma forma positiva de olhar para aquilo que costumamos observar de forma negativa. São bastantes os autores que consideram que as dificuldades das famílias ocidentais oferecem

¹ Franco Giulio BRAMBILLA, *La parrocchia oggi e domani*, Citadella Editrice, 2003.

uma hipótese única à acção da Igreja e tornam-na cada vez mais plausível e necessária².

Permitam-me que o segundo ponto de partida seja um documento, antigo na publicação, mas pertinente na sensibilidade e actualidade pastoral, apresentado pelo episcopado italiano: o Directório de pastoral familiar para a Igreja em Itália: anunciar, celebrar e servir o «Evangelho da família», de 25 de Julho de 1993. Escrevem: «uma pastoral familiar autêntica não poderá deixar de anunciar, celebrar e servir o ‘Evangelho do matrimónio e da família’ em todos os seus conteúdos. Toda a Igreja o anunciará na pregação, com a catequese e através do testemunho: celebrá-lo-á na liturgia e com a graça dos sacramentos; servi-lo-á com as diversas iniciativas e estruturas de apoio e de promoção que parecerem mais oportunas e mais urgentes»³.

1. À procura ou acerca da mulher no jardim à procura do seu amado

Maria Madalena, no primeiro dia da semana, vai junto do sepulcro. Encontrando-o vazio, corre e diz aos discípulos. Diz-lhes que não sabe onde puseram o Senhor. Continua a procurar e, perante o seu choro, dois anjos perguntam-lhe o motivo do seu pranto: «Mulher, porque choras? Responde-lhes ela: porque tiraram o meu Senhor e não sei onde o puseram» (cf. Jo 20, 1-18). Maria Madalena procura o corpo do seu Senhor, está desolada, perdida porque não sabe onde o puseram. Para o encontrar é preciso que ela mude de direcção. Junto ao sepulcro, a casa do passado, não é possível encontrá-lo. Tal como narra o versículo 14, é necessário voltar-se e deixar de procurar na direcção da morte. Mas não basta. Maria volta-se porque Alguém a chama.

«A mulher-esposa aguarda a ‘voz’ do seu predilecto («Escuta, o meu amado! Ei-lo que vem...»): Cant 2, 8) e Ele chama-a com o nome antigo e com uma acentuação presente. Maria ‘volta-se’, não olha mais para trás, não fica obstinadamente agarrada ao sepulcro, ao passado, ao reino da morte. Ela volta-se a tudo, a voz do amado realiza a última conversão, do desejo do amor à realidade do encontro...»⁴.

² Cf. Giuseppe ANGELINI, *La famille affective. Difficultés systémique du rapport familial dans les sociétés complexes*, in «Lumen Vitae» 2005/4, 409; SERGIO BELARDINELLI, *Il complesso adolescenziale della società riguardo alla Chiesa*, in «Anthropotes» 04/XX/1, 224.

³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Direttorio di pastorale familiare per la chiesa in Italia: annunciare, celebrare, servire il «Vangelo della famiglia»*, 25 de Julho de 1993, n.º 17.

⁴ Franco Giulio BRAMBILLA, *o.c.*, 137.

Este é um primeiro aspecto. O passado ao qual não podemos ficar eternamente agarrados, com nostalgia de outros tempos de suposta cristandade e que desafia a nossa criatividade pastoral e, sobretudo, a nossa reflexão sobre a acção eclesial. O presente que, se queremos ser fiéis ao Evangelho (ao amado), nos obriga a procurar, a descobrir caminhos para o encontrar. O futuro, porque a sociedade de hoje (de múltiplas formas) procura insidiosamente falar de morte da família, procurando banalizar o seu significado, o seu valor, a sua missão. E nós, na célebre expressão do Papa João Paulo II, continuamos a afirmar que o «futuro da humanidade passa pela família» (FC 86).

Podemos aqui ler um primeiro aspecto com o qual se confronta hoje a família: as dificuldades do tempo pós-moderno. A mulher-esposa-Igreja e a família «encontram-se no lugar da ausência»⁵. Procuram, procuram-se, mas na direcção errada; precisam repensar o seu choro, a sua lamentação, a sua identidade, a sua procura; precisam ser despertadas.

Sem querer entrar no campo que não me diz respeito – como objectivo deste trabalho – permitam apenas um breve aceno a este momento histórico, o contexto social contemporâneo.

Privado e público. A figura do «apartamento» define um pouco a situação da família hoje. São-lhe reconhecidas virtudes que permanecem no âmbito privado, apartadas, vividas dentro de casa. Confinada ao seu apartamento, a família vive, na solidão e no privado, os seus problemas práticos, educativos, relacionais.

A revolução industrial e a revolução tecnológica. Antes, o mundo do trabalho coincidia com o mundo familiar, a família era uma comunidade de trabalho. Depois da revolução industrial temos a separação: a família / a sociedade. Com a revolução tecnológica esta separação acentua-se. «A nova organização neoliberal do trabalho obriga a família a viver cortada por várias descontinuidades»⁶. O mundo extra-familiar desdobra-se em múltiplos sectores: economia, política, ciências, informação, igreja, etc. Tudo afecta a identidade e as relações públicas (identidade individual, papel profissional, função social, a comunicação em massa, tudo se torna mais burocrático). O papel da mulher sofre evidentes e importantes alterações, ampliam-se as suas ocupações; as famílias formam-se mais tarde. A própria vida parece marcada por uma dicotomia: a vida privada em família; a vida pública em sociedade.

⁵ Ibidem.

⁶ Fernando Vidal FERNÁNDEZ, *El devenir de la familia: una comunidad contracultural, reflexiva y plural*, in «Sal Terrae» 91 (2003), 359.

O individualismo. Hoje muita gente vive em apartamentos e esta parece ser a realidade da família: um «apartado». Cada um de nós vive como que em contínuo movimento entre vários mundos, nenhum deles é próprio e, muitas vezes, sentimo-nos anónimos. A família já não é mais um todo orgânico, mas um conjunto de indivíduos de identidade móvel e incerta.

A afectividade relacional. Uma sociedade tão técnica e burocrática como a que hoje temos fazem com que o mundo exterior à família esteja governado pelas leis da racionalidade e da formalidade. Parece um mundo abstracto e de relações funcionais e formais.

A autonomia nas decisões. A decomposição da sociedade contemporânea numa pluralidade de mundos marca o fim da uniformidade das referências simbólicas e dos valores. Há, por isso, aspectos importantes na pós-modernidade: perda da visão mundial unitária e a fragmentação resultante da realidade, a todos os níveis; subversão dos fundamentos – não há nada estabelecido em que apoiar os próprios pensamentos⁷.

Apesar de muito se proclamar a importância social da família, ela «permanece confinada às margens: de um lado, o casal sente o momento institucional (eclesial, social, político) como distante, remoto, estranho: por outro lado, a própria sociedade traça os deveres do casal e da família num perspectiva funcional de compromissos, de encargos e de serviços. A família interessa por aquilo que pode fazer, mais do que por aquilo que ela é»⁸. A família vive entre duas águas⁹: virtudes reconhecidas, mas isolada.

Evocou-se para falar do estado da família actual a imagem de uma super-estrutura que acabaria por ceder perante o peso de tanta responsabilidade, sobretudo

⁷ Cf. Aristide FUMAGALLI, *Le sfide della famiglia. Trasformazioni e condizioni della famiglia contemporanea*, in «La Rivista del Clero Italiano» 2002/9, 580-586; Pierre BABIN e Angela Ann ZUKOWSKI, *El Evangelio en el ciberespacio*, PPC, 2005, 17. «Regressando à questão mais geral da assim chamada perda da capacidade dos progenitores, é possível sustentar que provavelmente não se trata de um problema específico das famílias, mas que diz respeito a todas as estruturas educativas. Não é dito que os progenitores sejam menos capazes do que outrora. Talvez tenham menos autoridade, mas nisso partilham um destino que envolve as gerações adultas no seu conjunto, professores, educadores, pessoal eclesialístico». ALESSANDRO CASTEGNARO, *Risorse e limiti della famiglia in ordine all'educazione cristiana di fanciulli e ragazzi*, in «Notiziario – Ufficio Nazionale per la Pastorale della Famiglia – Ufficio Catechistico Nazionale» 2005/2, 29.

⁸ Franco Giulio BRAMBILLA, *o.c.*, 138.

⁹ Para aprofundamento desta ideia e para uma caracterização da família no contexto da pós-modernidade veja-se Silvio BOTERO, *La familia «auto-poética» en el contexto de la postmodernidad*, in «Religión y Cultura», LI (2005), 341-358.

porque os meios de apoio, de retaguarda tinham desaparecido ou, pelo menos, perdido grande parte da sua influência. Mas o facto de que a família seja frequentemente descrita como um agregado social que atravessa um crise não significa que ela esteja na origem de tudo. Ela permanece um valor dentro deste quadro de crescente instabilidade, apesar de sobrecarregada de tarefas e com pouco tempo¹⁰. «As famílias e, de modo particular, as mulheres dentro da família denotam um estado de dificuldade crescente no desenvolvimento das tarefas essenciais. Quando nos dirigimos às famílias pedindo-lhes um novo compromisso, qualquer que seja, é preciso ter em conta o facto de que elas vivem hoje uma fase de mudança, difícil de gerir, até mesmo fonte de incerteza e que vivem sobrecarregadas de tarefas que enfrentam com imenso esforço»¹¹. Difícil, mas não impossível.

O discurso e a prática pastoral. O ponto de partida não é a função nem a eficiência da família. Desde o Concílio Vaticano II e na actual teologia do matrimónio, que se aponta para uma perspectiva personalista, sem derivações privatizantes, mas sempre dentro do horizonte social e eclesial. No entanto, o discurso e a prática pastoral são atravessados por alguns paradoxos e claras dificuldades. Como contar com a família quando ela se encontra fragilizada? É indesmentível o valor que o Magistério Eclesial atribui à família. Veja-se, a título de exemplo, como qualifica João Paulo II o direito-dever e responsabilidade educativa das famílias: essencial, original, primário, insubstituível, inalienável e o amor paterno e materno são a fonte, a alma e a norma que tudo inspira, mesmo reconhecendo que se é a primeira, não é a única nem exclusiva comunidade educativa (cf. FC 36; 40). O actual Pontífice, Papa Bento XVI, no seu ainda curto pontificado, não deixou de ressaltar a mensagem essencial: «as famílias cristãs constituem um recurso decisivo para a educação na fé»¹². Esta é a visão da Igreja; mas, no entanto, somos forçados a admitir as limitações das famílias em matéria religiosa, educativa...

O mundo de outrora, apoiado no triângulo Estado – Igreja – Família, deu lugar a um mundo multicultural e policêntrico e, entre os vários pólos que o compõem, não há coerência nem continuidade (às vezes trata-se mesmo de descontinuidade¹³); ao lado desses mundos aparecem outros que exercem uma

¹⁰ Cf. Marcel LEFEBVRE, *Soutenir les familles*, in Gilles ROUTHIER e Marcel VIAU (ed), *Précis de théologie pratique*, Novalis/Lumen Vitae, 2004, 787; Alessandro Castegnaro, *a.c.*, 24-25.

¹¹ Alessandro CASTEGNARO, *a.c.*, 27.

¹² PAPA BENTO XVI, *Discurso na abertura do Congresso eclesial Diocesano na Basílica de S. João de Latrão – 6 de Junho de 2005*, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20050606_convegno-famiglia_po.html.

¹³ «Os jovens colocados em contextos familiares nos quais os pais demonstram baixos níveis de prática explícita e no entanto enviam os seus filhos para a educação cristã acabam por se encontrar naquela situação contraditória que se pode descrever com o conceito de *dissonância cognitiva*. Trata-se

influência considerável¹⁴. E na hora de falar de educação em matéria cristã não basta o simples argumento dos direitos e deveres. Não podemos falar do papel da família como o fazíamos em tempos de cristandade. É verdade que se trata de um direito e de uma responsabilidade, mas que também está fundamentada em argumentação eclesiológica: «os pais, como todos os fiéis, devem tornar-se verdadeiros sujeitos de acção nesta dimensão da actividade da Igreja. Em suma, devemos passar de uma Igreja estação de serviço a uma Igreja que conta com a vitalidade de todos os seus membros, dos membros adultos, capazes de dar contas da sua fé, de ler a Escritura e de interpretar os sinais dos tempos. Isto exige o desenvolvimento de certas competências por parte dos fiéis, mas a saída do clericalismo tem este preço; de outra forma, a formação cristã dependerá sempre dos clérigos»¹⁵.

Família, um valor. É desta categoria que pode partir a reflexão cristã sobre o matrimónio e a família. «A especificidade da reflexão cristã sobre a família deve ser um esforço para recuperar o valor da família em si mesmo, isto é, da família como ‘figura de valor’. Antes de falar dos deveres da família, das suas funções, é necessário falar do valor família. Trata-se de descobrir os valores que a família tem em si mesma, por aquilo que é e vale, antes ainda daquilo que pode fazer»¹⁶. Desta plataforma partirá o discurso sobre tudo o resto e aqui se alimenta a função evangelizante da família.

Quem procura? Esta é uma dimensão fundamental da pastoral familiar: escutar quem procurar razões de vida e de esperança. Trata-se de uma arte na qual a Igreja deve ser perita e procurar ser a primeira a fazê-lo quando procura o encontro, abrindo-se à escuta de todas as questões existenciais da família de hoje, pois só assim poderá gozar de abertura e acolhimento. «Muitas pessoas

de um estado, frequentemente problemático, no qual vive um indivíduo que recebe mensagens incongruentes entre si. Esta condição é ainda mais problemática se as mensagens provêm das mesmas pessoas e se estas são importantes para ele». Alessandro CASTEGNARO, *a.c.*, 38.

¹⁴ «A dinâmica da sociedade moderna dividiu inexoravelmente a razão e a sociedade numa pluralidade de ‘esferas de valor’ (...). Eis a weberiana *Entzauberung*, o ‘desencantamento’ do mundo: não há mais referências sócio-culturais fortes, capazes de garantir aos indivíduos uma identidade bem precisa: cada um por sua conta, segundo os seus gostos e as circunstâncias, deve a partir de agora inventar uma identidade. Hoje tudo parece ter-se tornado pretexto para exaltar a diferença, a fragmentação, o efémero, a capacidade de adoptar uma pluralidade de papéis, de mover-se de um ‘comunidade de emoções’ para outra, como diria Maffesoli. Uma espécie de triunfo em larga escala do espírito da adolescência». SERGIO BELARDINELLI, *a.c.*, 217.

¹⁵ Gilles ROUTHIER, *Le rôle de la famille dans la formation chrétienne*, in «Lumen Vitae» 2005/4, 455.

¹⁶ Franco Giulio BRAMBILLA, *o.c.*, 139.

de todas as idades rejeitam estes discursos e estes comportamentos com os quais se pretende conhecê-los mesmo antes de eles terem tido a possibilidade de dizer a mínima palavra sobre eles próprios»¹⁷. Alguém que faz perguntas (porque choras?) e que procura saber/escutar o que verdadeiramente as famílias sentem, anseiam; paróquias que são lugares de escuta nas quais é possível o encontro com as famílias. É importante criar um espaço para pôr questões, sentir os problemas e necessidades concretas dos pais¹⁸. Uma pastoral que escute com sentido crítico, com ternura e compreensão, porque sabe que Deus também fala através da família e, enquanto ouve, a Igreja procura aprender a linguagem na certeza de que apenas dessa forma é possível partir para um diálogo de procura e recíproca compreensão. Sobretudo a Igreja escuta a família porque tem a missão de evangelizar o amor e essa linguagem do amor a Igreja pode e deve aprendê-la da família¹⁹. «E se a prioridade das prioridades para a Igreja ocidental fosse renovar o contacto com as famílias? Pôr-se na escola da família, apoiá-la, escutá-la, encorajá-la?»²⁰. Informamos os pais sobre os horários, catequistas, catecismos, festas, reuniões de pais e que mais sabemos sobre eles e sobre aquilo que eles esperam da Igreja para os seus filhos? «Hoje o desafio consiste em aumentar a nossa capacidade de reencontrar as pessoas, dialogar com elas e estar presente nos diversos terrenos quotidianos, próximos das realidades e favorecer a possibilidade de uma rede de famílias ou de pessoas interessadas em cultivar a sua procura de sentido. Por outras palavras, é preciso ter cuidado para, em tudo isto, não construir uma Igreja seguindo o modelo de serviços públicos. É preciso construir a Igreja como um corpo vivo que não se reduz à grande assembleia, um corpo vivo constituído por células ou *Ecclesiola*, unidades de base onde se saboreia a experiência cristã que é feita de acolhimento do outro, de contemplação da vinda de Deus na nossa história, de escuta do Evangelho, de entreatura e oração (...) que permita a expressão de solidariedades primárias indispensáveis ao aprofundamento espiritual da pessoa e a uma participação significativa na vida da Igreja»²¹.

¹⁷ J. GRAND'MAISON citado por Henri DERROITTE, *Une catéchèse qui change avec des familles qui changent*, in «Lumen Vitae» 2005/4, 382.

¹⁸ Cf. Annemie DILLEN, «L'essentiel est invisible pour les yeux». *Des familles contemporaines en tant que sujet religieux*, in «Lumen Vitae» 2005/4, 432.

¹⁹ Cf. Carlo GHIDELLI, *Una chiesa, grembo educante alla fede, che ascolta, valorizza e nutre la famiglia*, in «Notiziario – Ufficio Nazionale per la Pastorale della Famiglia – Ufficio Catechistico Nazionale» 2005/2, 51-52.

²⁰ Henri DERROITTE, *a.c.*, 368.

²¹ Gilles ROUTHIER citado por Henri DERROITTE, *a.c.*, 380. John Westerhoff fala de «comunidade de fé» e, na sua opinião, a Igreja deve deixar de fazer coisas para as famílias e passar a fazer *com as famílias*, originando um família de fé, sem nenhum tipo de discriminação quer em função da situação familiar quer quanto à idade dos membros. Cf. Henri DERROITTE, *a.c.*, 369.

Nesta perspectiva, «a pastoral familiar não é um conjunto de acções específicas de alguns agentes especializados sobre as famílias, separado dos lugares da vida, dos lares. Não se trata de realizar ‘acções pastorais’ alheias às intenções e às aspirações dos homens, guiadas por interesses unicamente eclesiais. Se o objecto próprio da pastoral não são as acções instrumentais dirigidas a determinados fins mas antes o cuidado e o desenvolvimento da vida cristã na Igreja, a pastoral é por sua própria natureza pastoral familiar, pois aí encontramos o lugar paradigmático da vida»²². A centralidade da família na pastoral e na acção evangelizadora da Igreja estava já bem evidente na *Familiaris Consortio* onde se ambicionava que o desenvolvimento da pastoral familiar fosse um «sector verdadeiramente prioritário, com a persuasão de que a evangelização, no futuro, depende em grande parte da Igreja doméstica» (FC 65). Ao longo do seu pontificado, João Paulo II, quer nas catequeses de quarta-feira sobre o amor humano, quer na Carta Apostólica *A dignidade da Mulher*, quer ainda na *Carta às Famílias* deixou bem vincado este valor e dom da família. De entre as numerosas estradas que a Igreja pode percorrer «a primeira e a mais importante é a família»²³.

2. O encontro (preparação e celebração)

Regressemos ao episódio bíblico. Maria Madalena volta-se; não reconhece Jesus, mas reconhece a voz. O passado é passado; agora é o presente. Ao Esposo responde a esposa, ao Mestre responde o discípulo: «Maria» / «Rabbuni» (cf Jo 20, 16). A gramática nupcial funde-se com a gramática do discípulo / discipular. Aquele que, no pranto, era procurado, foi encontrado, ou melhor, deixa-se ver. É a alegria do encontro. «A mulher-Igreja encontra o ressuscitado, porque escuta a sua voz, porque se deixa sempre de novo chamar por Ele. Deixar-se chamar com o nome antigo e sempre novo abre passagem para o aposento nupcial. A vocação do casal é viver o encontro nupcial que se alimenta sempre e de novo na nascente da Páscoa de Jesus»²⁴.

Se espreitamos as páginas bíblicas reconhecemos que o Génesis apresenta o arquétipo ideal da relação homem – mulher, segundo a vontade de Deus, e

²² Juan José Pérez-Soba DIEZ DEL CORRAL, *Família, iglesia doméstica; Iglesia, gran familia*, in «Anthropotes» 03/XIX/1, 45.

²³ JOÃO PAULO II, *Carta às Famílias*, Rei dos Livros, 1994, n.º 2.

²⁴ Franco Giulio BRAMBILLA, *o.c.*, 141.

que encerra uma promessa de união que os leva para longe da casa paterna. Esta relação está sujeita à prova do tempo e, conseqüentemente, à fidelidade através do tempo. O Êxodo mostrará que a fidelidade é experimentada e exige confiança na Palavra de Deus. O libelo de repúdio de Moisés assinala a dificuldade radical do homem em manter o coração fiel. Mas os Profetas encarregam-se de anunciar que a fidelidade de Deus ao seu povo é incapaz de o deixar só, sem pastor e sem cuidados. Na plenitude dos tempos, Jesus regressa à origem, à beleza inicial: «não é mais o amor esponsal que remete para a comunhão com Deus; mas é o amor com que Jesus ama todos nós (a sua Igreja), um amor sem condições, que é a nascente, a medida, o critério, a força do sim que homem e mulher dizem um ao outro livremente»²⁵.

É este o espírito das palavras que Paulo dirige à comunidade de Éfeso: «É grande este mistério, digo-o em relação a Cristo e à Igreja» (Ef 5, 32). Neste sentido está o valor casal como testemunha de um mistério maior: a experiência pascal de Cristo no seu amor por cada um de nós. Não se trata, portanto, de uma simples relação de caridade entre duas pessoas. O casal deixa-se marcar interiormente pela dimensão pascal da fé e torna-se sinal/sacramento/mistério do amor com que Cristo ama a Igreja. Escreve o Concílio: «a família cristã, nascida de um matrimónio que é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja, manifestará a todos a presença viva do Salvador do mundo e a autêntica natureza da Igreja, quer por meio do amor dos esposos, quer pela sua generosa fecundidade, unidade e fidelidade, quer pela amável cooperação de todos os seus membros» (GS 48). A pastoral da igreja «deve cuidar deste ‘valor’ do casal na sua figura cristã: a Páscoa de Jesus pode e deve tornar-se real no espaço mundano do casal, animá-lo interiormente, para mostrar a capacidade de o Ressuscitado transfigurar a fé, o corpo, as relações, os afectos, a geração, o trabalho, a sociedade. O lugar nupcial do casal é o espaço vocacional, de uma vocação singular que alude ao sentido da Igreja»²⁶. Poderíamos aqui falar de uma exemplaridade teológica unida a uma exemplaridade conjugal do casal cristão²⁷.

²⁵ *Ibidem*, 143.

²⁶ *Ibidem*, 144. «Do ponto de vista cristão, a família não pode ser considerada simplesmente um *lugar sociológico variável* de relações interpessoais sujeitas às mudanças da história. No seu núcleo fundante ela é *lugar teológico*, isto é âmbito específico no qual Deus se revela na história dos homens e ponto de inserção entre humano e divino, onde o amor humano dos esposos é transformado (...) em caridade conjugal que ‘é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que se entrega sobre a Cruz’ (FC 13)». Giancarlo GRANDIS, *La visione antropologica necessaria per una famiglia soggetto di vita cristiana*, in «Orientamenti Pastoral» 2002/12, 37.

²⁷ Cf. Francesco PILLONI, *Pastorale familiare e catechesi*, in «Anthropotes» 04/XX/1, 241.

Formar para o encontro/matrimónio. Aqueles que se aproximam para pedir o sacramento do matrimónio querem aquilo que ele significa? Se há lugar onde o peso da tradição se nota é exactamente na hora de casar. Frequentemente as pessoas que pedem um sacramento estão longe de lhe dar o significado teológico que a Igreja lhe atribui e quando é celebrado não é suficientemente evangelizado, preparado e acompanhado. Hoje parece que a sacramentalidade existencial da vida do casal não é entendida; a sacramentalidade ritual/cultural é entendida mais como um elemento tradicional e sociológico do que de fé. Parece haver uma situação de ignorância sobre o sentido profundo que a Igreja reconhece a essa sacramentalidade cultural que funda a existencial. E da parte da Igreja, o que é que ela quer para os seus filhos que pedem o sacramento do matrimónio?

A pastoral familiar terá que definir os seus objectivos: uma pastoral que procura satisfazer os pedidos de sacramentos e garantir um mínimo de sacramentalização, esperando que a comunidade de vida e amor conjugal os conduza a viver os valores espirituais e graça do sacramento ou uma pastoral que segue o caminho da proposta (sem ser uma pura estação de serviço que distribui sacramentos, mas que não dão corpo à Igreja), caminhando para uma pastoral de iniciação (*engendrement*²⁸) que conduza a uma autêntica compreensão do sacramento, um projecto que dê ao sacramento do matrimónio uma dimensão eclesial mais explícita, através de uma atitude pessoal de fé.

Esta será outra dimensão irrenunciável da pastoral familiar: formar para o matrimónio. Algumas considerações sobre este aspecto. A complexidade e pluralidade da sociedade contemporânea influenciam fortemente a forma como os jovens vivem o namoro, o noivado, o amor. Palavras como provisório, reversível, quotidiano (sem preocupação pelo futuro) e auto-realização são imagem de marca dos nossos dias. «A opção pelo matrimónio e pela família torna-se sempre mais difícil por causa do ‘relativismo ético’ e da dificuldade em ‘comprometer-se’ para toda a vida. Fazer experiências interessantes é mais importante do que fazer projectos para o futuro»²⁹.

Na perspectiva cristã, o tempo de namoro e noivado são um tempo de graça, dom de Deus que pode levar os jovens a esclarecer e aprofundar a sua opção vocacional e a (re)descoberta do sentido autêntico do matrimónio cristão.

Poderemos, telegraficamente, pôr a questão desta forma: a longo prazo, uma pastoral destinada a adolescentes e jovens com uma proposta fundamental:

²⁸ Sobre este conceito de «pastorale d'engendrement» veja-se a publicação Philippe BACQ – Christoph THEOBALD (ed.), *Une nouvelle chance pour l'évangile. Vers une pastorale d'engendrement*, Lumen Vitae/Novalis/Les Editions de L'Atelier, 2004.

²⁹ Domenico SIMEONE, *I giovani oggi di fronte al matrimonio e alla scelta della vita cristiana: analisi e proposta di cammini di fede*, in «Orientamenti Pastoral» 2002/3-4, 87.

chamados ao amor, a educação para uma relação de amor e a apresentação das exigências do caminho cristão para o amor. A curto prazo: uma pastoral destinada à preparação imediata para o matrimónio. «São indispensáveis verdadeiros e próprios itinerários de fé que ajudem os noivos, frequentemente imersos num contexto de profunda descristianização, a recuperar os fundamentos cristãos da vocação ao matrimónio»³⁰. Quem, quando e onde se fala sobre a «cultura do amor» proposta pelo Evangelho? Como traduzir e descodificar numa linguagem significativa a mensagem evangélica?³¹.

Suponho, no entanto, e penso não estar longe da realidade, ao afirmar que todos no trabalho no terreno sentimos dificuldades em concretizar itinerários pastorais e formativos. Variados motivos certamente: inexistência de um percurso – espraído no tempo – capaz de ajudar os jovens a aprofundar o sentido cristão do corpo, da sexualidade, do amor, do matrimónio e da família; dificuldades inerentes aos próprios participantes (ou que se recusam participar) talvez por considerarem tratar-se de um acontecimento íntimo que os obrigará, eventualmente, a partilhar a vivência pessoal do seu amor; a proximidade da celebração do sacramento com prazos sempre muito apertados e datas já marcadas.

Parece-me que, nesta dimensão da preparação, estamos claramente a precisar de um investimento na preparação remota, ajudando a integrar todas as potencialidades e dimensões da pessoa, crescendo na maturidade humana e educando na consciencialização de que o matrimónio é um projecto vocacional. E esta é claramente uma missão da pastoral de jovens. «Se a pastoral de jovens não chega a propor uma vocação e a ajudar a alcançar uma resposta no matrimónio trabalhou para nada, foi apenas um parque de estacionamento. Isto exige uma série de elementos novos de colaboração entre a pastoral de jovens, familiar e vocacional e permite a uma comunidade cristã dar outro passo positivo»³². Este aspecto é fundamental: não basta um tradicional curso pré-matrimonial, se não for iniciado um caminho de atenção pastoral a todo o tempo de noivado e se não houver uma acção conjunta entre a pastoral juvenil, vocacional e familiar destinada a educar, cada homem e cada mulher, à fundamental vocação ao amor.

Repensar este âmbito da pastoral eclesial «é missão de toda a comunidade e envolve todos os seus componentes: sacerdotes, famílias, operadores pasto-

³⁰ Claudio GIULIODORI, *Il vangelo del matrimonio e della famiglia illumina la realtà ecclesiale*, in «Orientamenti Pastoral» 2003/2-3, 11.

³¹ Cf. DANIEL BOURGEOIS, *La pastoral de la Iglesia*, Edicep CB, 2000, 604; Domenico Simeone, *a.c.*, 96-97.

³² DOMENICO SIGALINI, *Percorsi formativi al matrimonio. Conclusioni*, in «Orientamenti Pastoral» 2002/3-4, 111.

rais, centros especializados... Não se trata de tapar um «buraco pastoral» mas de repensar a vida da Igreja em relação às famílias e à categoria teológica da esponsalidade»³³.

Já muito se faz e devemos certamente recuperar quanto de criativo e valioso têm esses itinerários, mas será importante verificar a sua forma de funcionamento e eficácia. E nunca será demais insistir numa cuidadosa formação dos operadores pastorais. Aliás, e sem querer gastar demasiado tempo com as estruturas, há dois aspectos que são fundamentais e aqui devem ser ditos: urgência da formação e estruturas estáveis³⁴.

Celebrar. Uma breve palavra sobre a celebração do matrimónio (certamente mais do âmbito da pastoral litúrgica³⁵). O Directório da Pastoral Familiar da Conferência Episcopal Italiana apresenta uma definição da celebração do matrimónio como realidade eminentemente evangelizante e eclesial: «É, antes de mais, uma realidade evangelizante, proclamação, na Igreja, da Boa nova do amor conjugal. Na Igreja, de facto, o matrimónio dos baptizados, tornando-se sinal e fonte de salvação, faz-se anúncio da Palavra que salva e eleva o amor humano. É realidade evangelizante porque celebração sacramental, sinal que constitui também na sua realidade exterior uma proclamação da palavra de Deus e uma profissão de fé da comunidade dos crentes»³⁶. Quanto a este campo da celebração do matrimónio será bom ter conta alguns elementos que proporcionem reflexão sobre aquilo que estamos a fazer: no global, como se anuncia e celebra o Evangelho da Família?; existe consciência desta natureza eclesial e evangelizante da celebração do matrimónio?; que cuidado existe na preparação da liturgia da palavra (escolha, proclamação, homilia)?; como se celebra concretamente nas nossas comunidades a liturgia nupcial?; muitos e positivos passos já foram dados, mas certamente outros caminhos podem ser empreendidos. Em qual direcção?

³³ Claudio GIULIODORI, *Valore e significato del fidanzamento nel contesto della cultura giovanile attuale*, in «Notiziario - Ufficio nazionale per la pastorale della famiglia» 1999/1, http://www.chiesacattolica.it/pls/ccj_new/bd_Edit_doc.edit_documento?p_id=4082.

³⁴ O Directório de Pastoral familiar italiana faz referência a *escolas para operadores de pastoral familiar*. Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *o.c.*, nº 269-270.

³⁵ Para uma reflexão mais detalhada veja-se, por exemplo, Dionísio BOROBIO, *Pastoral dos Sacramentos*, Editora Vozes, 2000, 242-271; IDEM, *Sacramentos e Família*, São Paulo, 1994, especialmente as páginas 247-279.

³⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *o.c.*, nº 93.

3. O quotidiano, lugar da vida e do mistério

Jesus revela-se a Maria Madalena e ela parecer querer retê-lo. Mas a Vida não pode ser retida. Do sepulcro eleva-se a vida; o Ressuscitado deve subir à comunhão trinitária e com Ele elevar-nos a todos e assim se revela o mistério Pascal. A mulher-esposa-Igreja é convidada a entrar nesse movimento ascensional, nessa comunhão que nasce do seio do Pai e transmiti-la a todas. Comunhão e missão. «A Igreja é lugar da comunhão recebida e transmitida, a Igreja é enviada para que continuamente esteja enxertada na comunhão trinitária. A família, como 'igreja doméstica' é o lugar onde a vida recebida não pode ser retida, mas deve ser transmitida como forma da comunhão e como espaço da geração»³⁷.

A originalidade da família. Desta perspectiva, olhando para a família descobrimos o seu valor, antes das suas funções, deveres, compromissos. Esta é a sua originalidade: «a família torna possível uma nativa condição de comunhão, que é evangelizante pelo próprio facto de ser vivida de modo 'cristão'»³⁸. Afirma o Concílio: «Na família, como numa igreja doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé» (LG 11). Mais tarde, Paulo VI escreverá: «No conjunto daquilo que é o apostolado evangelizador dos leigos, não se pode deixar de pôr em realce a acção evangelizadora da família. Nos diversos momentos da história da Igreja, ela mereceu bem a bela designação sancionada pelo Concílio Ecuménico Vaticano II: 'Igreja doméstica'. Isso quer dizer que, em cada família cristã, deveriam encontrar-se os diversos aspectos da Igreja inteira. Por outras palavras, a família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho irradia» (EN 77).

A família como sinal da fraternidade evangélica. Quando repetidamente afirmamos e consideramos a família como Igreja doméstica não se trata de uma vaga analogia. É espaço de uma particular experiência de fraternidade e continuamente aberta à descoberta da fraternidade evangélica. O matrimónio nasce de uma escolha livre e amorosa dos cônjuges; é um acto pessoal e consciente, «escolhe no início aquilo que a família deve construir e alcançar no fim de um longo caminho em comum. A família é uma comunidade privilegiada porque dispõe de factores dos quais outras comunidades não dispõem (as ligações de

³⁷ Franco Giulio BRAMBILLA, *o.c.*, 147.

³⁸ *Ibidem*, 148-149.

sangue, a tradição familiar e o vínculo institucional). Estes factores têm aspectos naturais e aspectos culturais e aqui está a força, mas também a dificuldade da família em se realizar a si própria. É preciso por isso estar lucidamente conscientes que os factores familiares são como a linguagem, a gramática para fazer um discurso comum. A linguagem que a família tem à disposição não é ainda por si própria um discurso estendido, um caminho de comunhão, uma experiência efectiva de fraternidade, mesmo na diferença de papéis. Para esta meta, isto é construir um caminho de comunhão, é que deve apontar o discurso sobre a família»³⁹.

Espiritualidade. Se o quotidiano assume a importância de ser o lugar da vida e do mistério, então é também o lugar da espiritualidade, da comunhão construída, vivida e testemunhada, até sofrida. O horizonte da espiritualidade conjugal e familiar é a Trindade que, ao mesmo tempo, é a fonte. A vida familiar é revelação do mistério de Deus, da comunhão trinitária, seguimento e imitação de Cristo, abandono à força do Espírito. A Trindade é o Absoluto, o evento eterno de amor; Cristo – Igreja são o Arquétipo e o cume da nupcialidade; as núpcias humanas, fundadas sobre o dom recíproco, são o símbolo que remete para o Arquétipo e para o Absoluto. «Deus cria a realidade esponsal/nupcial para dar a entender alguma coisa sobre si, mas também para deixar entender que Ele convida a humanidade a participar de si da mesma forma que o homem e a mulher se unem e se conhecem. A nupcialidade humana – e portanto sempre limitada (...) – diz de modo analógico Deus em si e o destino último que Deus perspectiva para e à Humanidade. Deus convida a humanidade para as núpcias, querendo estabelecer com ela uma aliança nupcial»⁴⁰. Este é mais um caminho para a pastoral familiar: levar os esposos a contemplarem-se ao espelho do mistério do Amor Divino; levar os esposos a descobrir e aprofundar o sentido das suas núpcias, convergindo na unidade, mas permanecendo diferentes, vivendo uma cultura da alteridade, na fidelidade quotidiana, na intimidade conjugal, na entrega mútua; ajudar a cuidar das relações interpessoais; educar para a oração em conjunto, convidar a caminhar e a apreciar a reciprocidade: «O meu amado é para mim e eu sou para ele» (Cant 2, 16)⁴¹. A tipicidade da espiritualidade conjugal e familiar pode ser apresentada desta forma:

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Giorgio MAZZANTI, *Ripensare la parrocchia alla luce del mistero nuziale*, in AA. Vv., «Casa e scuola di comunione». *Un nuovo volto di parrocchia*, Paoline, 2005, 238-239.

⁴¹ Cf. Pier Luigi GUSMITA, *La spiritualità coniugale e familiare. Una spiritualità per la vita*, in «Notiziario – Ufficio Nazionale per la Pastorale della Famiglia» 2005/1, 34-41; Eugenio ALBUQUERQUE, *Matrimonio y familia*, San Pablo, 2004, 371-393.

- «Uma espiritualidade do ‘sim’ ao ‘princípio’, a Cristo esposo, ao Espírito Santo;
- Espiritualidade ‘a dois’: vale-se da reciprocidade do masculino e do feminino; é modelada sobre a dedicação de Cristo esposo que ‘ama até ao fim’. É a espiritualidade da relação totalmente oblativa, da reciprocidade cordial do masculino e feminino, da esponsalidade do corpo;
- Espiritualidade de comunhão procurada apaixonadamente: é ‘dança’ no amor à procura da unidade.
- Espiritualidade da missão: a família é ícone da Trindade; os esposos são ‘ostensórios’ de Cristo, palavra – imagem – carne – parábola de Deus»⁴².

A Igreja na família e a família na Igreja. A pastoral família não é um empreendimento de um sector ou de alguns navegadores solitários. Família e comunidade cristã estão indissociavelmente unidas, formando uma sinfonia de comunhão para a qual a família contribui com todo o seu potencial e riqueza. «A família é um facto de salvação, é uma realidade de comunhão não tanto pela sua eficiência, pela sua funcionalidade, mas por aquilo que é em si mesma, pelo seu valor. É um facto de comunhão natural, destinado a sê-lo por vocação. A família é o lugar onde somos provocados a responder à vocação comum. Por isso, ao contrário de todas as outras comunidades que encontramos na história, que são frequentemente comunidades de eleição, a família é uma comunidade natural que tem a possibilidade de se servir dos factores de comunhão acima apresentados (relação parental, o *ethos* familiar, a forma institucional). Nenhuma das comunidades que conhecemos tem simultaneamente estes factores de comunhão, que são uma oportunidade e devem ser cultivados. A família é, portanto, uma comunidade privilegiada, uma ‘igreja doméstica’. Estes factores podem tornar-se uma tentação quando são vividos numa perspectiva privatizante: o parentesco torna-se então um instrumento para se encerrar nos vínculos de sangue; o *ethos* familiar transforma-se em linguagem a repetir e perpetuar; a forma institucional torna-se um modelo rígido que não ajuda no crescimento. Compreende-se assim o valor da família para a Igreja e da comunidade cristã para a família. A Igreja é o local que indica o horizonte universal da vocação fraterna que cada um começa a viver na própria casa. A família é um lugar de afectos, de carne e de história, no qual se pode abrir ao Evangelho; a comunidade é a experiência do evangelho acolhido numa fraternidade crente. Por isso, a Igreja não pode ser senão uma

⁴² Pier Luigi GUSMITA, *a.c.*, 50.

comunidade de famílias, mas também a família realiza-se verdadeiramente no diálogo com a comunidade cristã. Aparece assim claro em que sentido a Igreja evangeliza a família, mas também o modo em que a família é terreno de cultura para abrir ao sentido da ‘graça’ que dá rosto cristão à vida. E, simultaneamente, vê-se como deve exercitar-se o cuidado e responsabilidade da Igreja pela família e com a família»⁴³. Desta forma, a família torna-se «paradigma de comunhão em virtude do ‘sacramento primordial’. Torna-se assim verdade que enquanto a família é ‘pequena igreja’, a Igreja apresenta-se na realidade como ‘grande família’. Os efeitos pastorais aparecem então de modo evidente. É necessário pensar a paróquia não como um organismo que termina na família, mas como um lugar que na família inicia»⁴⁴.

Identidade da pastoral para o casal e a família. O ponto de partida pode ser claramente este que situa a questão: «a pastoral familiar é uma questão, antes de mais, das famílias. Elas são sujeitos activos desta pastoral pela própria vida familiar, não por um mandato, encargo ou delegação dos bispos ou sacerdotes»⁴⁵. Esta é uma mudança de fundo. Passar de uma pastoral sobre as famílias, para uma pastoral com as famílias, para as famílias, em família: atenção à família, como interveniente no diálogo e nas relações, chamada a envolver-se e a tornar-se sujeito activo e qualificante da acção eclesial. A pastoral familiar não é um sector ao lado das comunicações sociais, do trabalho ou da cultura, mas é uma dimensão necessária à única pastoral eclesial e a ter sempre presente no momento das decisões e das programações. No entanto, «a pastoral familiar não é coisa unicamente das famílias. É importante que estas reconheçam o vínculo a uma família maior que é para elas uma Mãe, enquanto que as gera na vida nova dos filhos de Deus»⁴⁶.

⁴³ Franco Giulio BRAMBILLA, *o.c.*, 149-150.

⁴⁴ Francesco PILLONI, *a.c.*, 253.

⁴⁵ Juan José Pérez-Soba DIEZ DEL CORRAL, *a.c.*, 46. Veja-se, por exemplo, as características próprias da pastoral familiar segundo a Instrução Pastoral da CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *A família, santuário da vida e esperança da sociedade* (27 de Abril 2001), nº 165-178. Sinteticamente:

- Pastoral familiar é uma dimensão essencial da evangelização: o homem vive a existência concreta no âmbito da família, pelo que entre os numerosos caminhos em que a Igreja se aproxima do homem, o primeiro e mais importante, é o caminho da família.

- Deve ser um princípio de acção evangelizadora da Igreja considerar as próprias famílias como verdadeiros sujeitos e protagonistas da pastoral familiar.

- Toda a pastoral familiar tem de ser progressiva, iniciando com a infância, intensificando na ajuda aos jovens na descoberta da sua própria vocação humana e cristã, na educação para o amor, na preparação e celebração do matrimónio;

- As famílias estão no coração da pastoral.

⁴⁶ Juan José Pérez-Soba DIEZ DEL CORRAL, *a.c.*, 48.

Se apenas falamos de direitos e de deveres, a família nunca chegará a perceber qual o contributo específico e original que pode trazer à Igreja, que, seguramente, não se limita a procriar e trazer os filhos para os bancos da catequese.

Urge uma pastoral que repense a ligação entre as comunidades cristãs e as famílias. João Paulo II falava de uma «reciprocidade dinâmica»⁴⁷ ou, diríamos, de uma «complementaridade entre a vida familiar, como lugar de desenvolvimento da personalidade teologal da criança e a comunidade paroquial, como lugar de ‘socialização’ eclesial»⁴⁸. Ou seja, toda uma pastoral a inventar, a pensar, sempre com a exigência do diálogo com todos os intervenientes. Alguns aspectos que podemos considerar: a pertinência do nosso discurso sobre a família, evitando carregar para as suas costas aquilo que os animadores pastorais não conseguem fazer; que credibilidade apresenta a dimensão comunitária das nossas paróquias e como apoiam as famílias; a família tem um papel decisivo, mas é também fundamental que apareçam outras figuras que testemunham a sua fé, num pluralismo de experiências cristãs significativas.

O Directório da Igreja Italiana define claramente um caminho que evita uma redução da pastoral familiar às iniciativas de pequenos grupos ou movimentos. Trata-se, escrevem, de uma pastoral para o crescimento do casal e da família. Esta é a finalidade: «ajudar a viver a sua vocação específica e missão, para que possam chegar a viver cada dia uma vida mais santa e mais intensa»⁴⁹. Esta acção eclesial tem carácter de urgência.

Depois do casamento esquecemo-nos deles? O acompanhamento dos jovens esposos é uma vertente ausente na nossa acção. Onde podemos encontrar essas pessoas? Da grande maioria não podemos esperar encontrá-los na Igreja. Devemos ter fantasia e criatividade para os procurar nos lugares onde habitualmente vivem; como iniciar uma relação acolhedora e de simpatia recíproca; como se tornar companheiros de viagem partilhando as coisas simples, mas essenciais, da vida e ajudando-os a descobrir o Evangelho do matrimónio e da família como boa notícia que dá sabor às suas vidas?

Do ponto de vista pastoral podem surgir algumas questões: dentro do casal pode haver disparidade na forma de viver (ou não viver) a fé, o que pode conduzir até a um certo desânimo por parte do cônjuge mais crente. Outra questão tem que ver com o tipo de ajuda que se pode prestar aos casais quando

⁴⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta às Famílias*, o.c., n.º 16.

⁴⁸ DANIEL BOURGEOIS, o.c., 627.

⁴⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, o.c., n.º 96.

surtem problemas e dificuldades, evitando espiritualizar ou moralizar demasiado depressa as situações. Onde encontrar apoio sustentado e competente? Temos nós sacerdotes que reconhecer que não somos obrigados a ter formação técnica em psicologia, sabendo orientar para uma ajuda competente⁵⁰.

Ajudar a família a viver o quotidiano nesta dimensão de lugar do mistério e da vida é uma forma de valorizar a família. Na linha de tudo o que acima dissemos, esta é outra dimensão da pastoral da família: valorizar. A Igreja valoriza a família evangelizando, preparando para o encontro do sacramento do matrimónio; valoriza a família quando coloca em relevo o carisma que lhe é próprio e insubstituível, quando a convoca e acolhe para que assuma todas as suas responsabilidades dentro da comunidade cristã e na vida eclesial, quando nunca se substitui à família ou se coloca em contraposição ou função alternativa à da família; valoriza quando cuida da assistência e ajuda às jovens famílias e às famílias em crise⁵¹.

4. A missão, lugar do Evangelho e para o Evangelho («Vai e anuncia aos meus irmãos»)

O tempo da Igreja é o tempo do anúncio e da missão: o Ressuscitado atrai todos à comunhão fraterna. É isto mesmo que Jesus diz a Maria Madalena: «'vai ter com os meus irmãos e diz-lhes que subi para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus'. E Maria Madalena foi anunciar aos discípulos que tinha visto o Senhor» (Jo 20, 18). Maria Madalena recebe o mandato missionário. A fonte é o Ressuscitado. O conteúdo é também Ele próprio, e mais ainda: a paternidade de Deus em relação a Jesus e a cada um de nós. «Há um estupendo entrelaçamento entre a paternidade de Deus, coração na história pascal e a fraternidade evangélica, fruto da missão da mulher-igreja. A Igreja da Páscoa é a comunhão fraterna, não é em primeiro lugar uma associação que responde às necessidades e aos males da sociedade, mas é lugar do perdão e da festa. A mulher-mãe-igreja deve gerar sempre irmãos com o seu caminhar e o seu narrar; a igreja pascal existe, antes de mais, para isto, para ser o coração vivo e pulsante da comunhão»⁵². Assim se torna mãe-família em cujo seio se geram homens e mulheres de comunhão. É a mater ecclesia.

⁵⁰ Cf. Daniel BOURGEOIS, *o.c.*, 614-617.

⁵¹ Cf. Carlo GHIDELLI, *a.c.*, 53-54.

⁵² Franco Giulio BRAMBILLA, *o.c.*, 152.

Esta perspectiva remete-nos para a maternidade da Igreja e novamente para a analogia entre a família e a Igreja.

Vai e anuncia. «Deixando de considerar a família de modo periférico em relação à comunidade paroquial dever-se-á repensar a dinâmica da vida paroquial. É preciso passar do ‘vinde à Igreja’ ao ‘ide às casas’ como acontecia nas primeiras comunidades de cristãos. A família pode dar um grande contributo à acção missionária da Igreja, desde que todos na Igreja, pastores e operados incluídos, assumam um estilo e um método mais familiar»⁵³. Em 1994, escrevia João Paulo II aos sacerdotes, na Carta por ocasião da Quinta-feira Santa, que «a pastoral familiar constitui, em certo sentido, a quinta-essência da actividade dos sacerdotes em todo o nível»⁵⁴.

Redes de famílias. Já atrás fizemos referência ao facto de a família de hoje estar fragilizada e estamos conscientes de que ela não pode agir sozinha, não pode concretizar todas as suas expectativas, os percursos e, por isso, se sugere o associativismo. A comunidade cristã pode indicar e ajudar os pais e as famílias a associarem-se dentro de grupos de carácter internacional, nacional ou diocesano; organismos de participação dentro da vida eclesial e com a possibilidade de abertura e apoio a outras famílias. «Uma comunidade cristã pode desenvolver uma grande missão aqui provocando a formação de um espírito de solidariedade e de contacto entre as famílias, membros de famílias, pessoas isoladas, sacerdotes e religiosos, aqueles que estão comprometidos na pastoral»⁵⁵.

Neste sentido, «será útil favorecer o aparecimento de redes de famílias (...) e de lhes dar os meios concretos para que a assembleia dos cristãos e os animadores pastorais possam apoiar e acompanhar os pais no seu compromisso. Se, de um lado, estas redes de famílias podem representar a base do tecido eclesial, por outro lado, o recurso às famílias sem que sejam acompanhadas e apoiadas pela assembleia dos cristãos e aos animadores pastorais seria irresponsável»⁵⁶.

Igreja e famílias com as «portas abertas», disponíveis para acolher, interlocutores credíveis porque acreditam no amor, no outro, na fé⁵⁷. Esta é outra

⁵³ Claudio GIULIODORI, *Il vangelo ...*, a.c., 11.

⁵⁴ JOÃO PAULO II, *Carta aos sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa 1994*.

⁵⁵ Annemie DILLEN, a.c., 438.

⁵⁶ Gilles ROUTHIER, a.c.,. Cf também FC 72; Giancarlo Tettamanti, *Una sfida alla famiglia, per la famiglia, con la famiglia*, in «Orientamenti Pastoral» 2001/7-8, 21-22.

⁵⁷ Cf. Marco LORA, *La missione della famiglia nella Chiesa e nella società*, in «Orientamenti Pastoral» 2003/10, 14.

dimensão da pastoral familiar: tem um carácter progressivo e universal, aberta a todas as famílias e a cada situação familiar, não se limitando às famílias vizinhas ou cristãs. «Cada família e todas as famílias na sua existência quotidiana têm direito ao cuidado amoroso e materno da Igreja. Por isso a solicitude pastoral da Igreja não se limitará apenas às famílias cristãs mais próximas, mas, alargando os próprio horizontes à medida do coração de Cristo, mostrar-se-á sempre mais viva para o conjunto das famílias em geral e, para aquelas que, em particular, se encontram em situações difíceis e irregulares. Além disso e pelo mesmo motivo, isto é, porque está atenta à vivência quotidiana de cada família, a acção pastoral da Igreja deve ser progressiva, também no sentido de seguir a família, acompanhando-a passo a passo nas diversas etapas da sua formação e do seu desenvolvimento»⁵⁸.

Não é possível, no entanto, praticar tais caminhos sem as famílias, sem o protagonismo das famílias⁵⁹, sem um tecido de famílias – na nossa diocese tem-se feito uma pastoral clara e forte (que penso será intensificada ao longo destes três anos) nas chamadas «equipas de pastoral familiar». Como estar próximos de cada casal e de cada família sem essa rede de famílias (e também operadores de várias actividades pastorais, peritos) que, conscientes do seu matrimónio e do seu ministério estejam próximas das outras famílias?

Neste âmbito é urgente não esquecer os jovens casais com iniciativas e atitudes pastorais marcadas pelo acolhimento, valorização e acompanhamento⁶⁰.

Dar à luz e nutrir. A decisão de dar a vida é profundamente marcante na vida de um casal. Gerar para a vida, para o mundo, para a fé. Fecundidade gerada pelo amor e pela comunhão. Não se trata, por isso, de um simples pôr no mundo mais um filho, mas antes dar à luz: «sem a luz, sem um significado para escolher e ao qual dedicar-se, sem uma promessa a procurar e a descobrir nas fibras da nossa existência, a vida não é propriamente ‘doada’ mas apenas ‘procurada’. Um filho não é apenas para os dois progenitores, mas para dizer sim à vida que prossegue no futuro para além dos dois cônjuges. A vida não pode ser ‘produzida’ apenas como um facto material, mas deve ser entregue como um ‘dom’»⁶¹. Há quem utilize

⁵⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *o.c.*, n.º 96.

⁵⁹ Cf. Eugénio ALBUQUERQUE, *o.c.*, 402-405.

⁶⁰ Os bispos italianos apresentam diversas iniciativas: acolhimento das famílias ao ingressar na paróquia, encontro anual para os esposos que celebraram durante o ano o seu matrimónio, atenção, na catequese paroquial, aos jovens casais, proposta de um caminho espiritual mais pontual e rico através de grupos de famílias, encontros debates e subsídios sobre a missão educativa, apresentação dos métodos naturais de regulamentação da fertilidade, atenção aos casais em crise. Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *o.c.*, n.º 104.

⁶¹ Franco Giulio BRAMBILLA, *o.c.*, 153-154.

conceito de «família auto-poiética» para falar desta capacidade não apenas de gerar filhos, mas também de se reconstruir a partir da própria identidade e, neste sentido, a pergunta pela família do futuro converte-se na pergunta pela capacidade de os cristãos gerarem em seu seio um ambiente cristão⁶².

Depois de gerar é precisar alimentar, nutrir. Eis, para concluir uma outra dimensão desta pastoral. A Igreja faz como uma mãe que mais do que dispor de coisas bens materiais se entrega a ela própria e entrega, às famílias, a disponibilidade de tantas pessoas dedicadas e comprometidas (ou que se querem comprometer) com as famílias. A Igreja, como mãe, nutre com um alimento integral, isto é, a Palavra e o Pão da vida. Mas ainda mais. Não alimenta apenas nos primeiros anos de vida (leia-se infância, adolescência, preparação para o matrimônio e depois...), mas em cada época da vida. A Igreja alimenta, como acima referimos, procurando oferecer linhas concretas de espiritualidade conjugal e familiar, mais importantes que todos os aspectos organizativos e estruturais com os quais perdemos, às vezes, tanto tempo e que pesam tanto⁶³.

Todos reconhecemos o direito e dever da família na formação cristã, mas a questão que se impõe é como contar com a família quando ela se encontra fragilizada e quando às suas costas já pesam tantas coisas. Nem tudo será possível, mas alguma coisa será. Este será também campo da pastoral familiar: inventar, criar, investir, gerar. Gilles Routhier, na última revista *Lumen Vitae*, publicada em 2005 e totalmente dedicada à temática da família, falando sobre o papel da família na formação cristã, formula a questão da seguinte forma: que podem oferecer as famílias à formação cristã dos seus filhos, lugar do evangelho e para o evangelho? «O desafio é acolher com alegria e esperança os cinco pães e dois peixes que oferecem as famílias de hoje, sejam quais forem as suas fragilidades e os desafios imensos que trazem. A narração da multiplicação dos pães não fala apenas de ‘cinco pães e dois peixes’ destinados à multidão, mas antes de ‘cinco pães e dois peixes’ que vêm da multidão. Este texto sugere portanto que alguma coisa nos é oferecida onde não vemos senão indigência e dom sem proporção com o desafio que comporta»⁶⁴.

⁶² Cf. Silvio BOTERO, *a.c.*, 341-358.

⁶³ Cf. Carlo GHIDELLI, *a.c.*, 55-56.

⁶⁴ Gilles ROUTHIER, *a.c.*, 457.

Conclusão

Se percorrermos os livros, as revistas e outras publicações dentro deste horizonte da família rapidamente descobrimos um manancial de reflexões, de orientações episcopais, directórios de pastoral familiar, documentos do Magistério, etc. Agora, pede-se a coragem de tomar opções e percorrer novos caminhos; pede-se uma acção eclesial que acompanhe as famílias e se levante em cada manhã com elas.

Concluo com palavras de André Fossion no seu livro *Recomeçar a crer*:

«'A velha árvore que cai faz mais barulho do que a floresta a crescer' diz um provérbio africano. Na Igreja muito arranjam que fazer – até se extenuam – para manter em pé a velha árvore que cai. Isto não é inútil se se trata de afrouxar a queda para evitar que alguém possa ficar esmagado. Mas o importante é a floresta que cresce. Hoje não podemos imaginar com exactidão ou programar completamente aquilo que está a crescer. Mas podemos favorecer o seu crescimento. Assim, o cristianismo que vem não será unicamente resultado dos nossos esforços, mas será também o fruto novo, inesperado, surpreendente da acção do Espírito no coração do mundo»⁶⁵.

⁶⁵ André FOSSION, *Ri-cominciare a credere*, EDB, 2004, 136.